

A ATUALIDADE DAS CONFISSÕES DE SANTO AGOSTINHO

*Sérgio Ricardo Strefling**

Resumo

Na obra *As Confissões*, Agostinho apresenta-se como o sujeito que descobre o fundamento subjetivo da certeza, não só como fundamento cognitivo, mas também como fundamento moral. Trata-se de uma obra-mestra nos aspectos literário, teológico e filosófico. Explora extensamente os estados interiores da mente humana e a relação mútua existente entre a graça e a liberdade, que são temas dominantes na história da filosofia e da teologia ocidentais.

PALAVRAS-CHAVE: subjetivo; alma; graça; liberdade; indivíduo.

Abstract

In the workmanship the Confessions, Augustin presents himself as the citizen discovering the subjective bedding of the certainty, not only as cognitiv bedding, but also as moral bedding. It is an important literary, theological and philosophical work. He extensively explores the interior states of the human mind and mutual relation between grace and freedom, that are dominant subjects in the history of the philosophy and the occidental theology.

KEY WORDS: *subjective; soul; grace; liberty; fellow.*

Ao final da Antigüidade e na aurora do que chamamos Idade Média, Santo Agostinho entra na História da Filosofia. Entra, como o sujeito que descobre o fundamento subjetivo da certeza, e nesse sentido seu pensamento tem peso filosófico até aos dias de hoje. Ele descobre o fundamento subjetivo da certeza, não só como fundamento cognitivo, mas também como fundamento moral. A alma adquire a certeza de si

* Doutor em Filosofia. Professor na FFCH-PUCRS.

mesma, mas a adquire, se assume a sua própria história, se assume o seu arraigamento num conjunto de condições reais que implica um fundo que a sustenta e que é, por sua vez, invisível.

A obra *As Confissões* se destaca como uma das principais obras de Agostinho. É uma obra-mestra nos aspectos literário, teológico e filosófico. Foi a obra de Agostinho mais estudada no século XX e segue atraindo a atenção de historiadores, teólogos, filósofos, filólogos e psicólogos. Através dela, os fatos relativos à juventude de Agostinho se conhecem melhor que o de qualquer outro personagem da Antigüidade. A descrição de seu decisivo encontro com os neoplatônicos, que se expõe no capítulo 7 das *Confissões*, tem atraído filósofos e teólogos. Sua conversão ao cristianismo monástico atraiu até aos dias de hoje artistas, assim como teólogos e literatos. Sua atenção aos estados interiores do homem e sua descrição dos mesmos tem atraído filósofos e psicólogos. Seu emprego da retórica segue sendo tema de estudo, em si mesmo e como um instrumento litúrgico, literário e teológico.

Ainda que muitas obras pretendam merecer o título de ser a primeira obra literária “moderna”, as *Confissões* embasam seu direito a esse título pelo fato de ser a primeira obra que explora extensamente os estados interiores da mente humana e a relação mútua existente entre a graça e a liberdade, que são temas dominantes na história da filosofia e da teologia ocidentais.

1 A datação

Temos muito para aprender acerca da composição literária no mundo antigo. Até que ponto uma obra se ditava oralmente? Em todo caso, a composição era muito diferente, nos dias de Agostinho, do que o é em nossos dias. Ainda que partes das *Confissões* puderam escrever-se e, desde logo, foram publicados antes da edição final, por exemplo, dos relatos sobre Alípio no livro 6, todavia existem poucas provas de que tivessem fases redacionais. Agostinho, na sua obra *Retratações*, naquela parte em que enumera cronologicamente suas obras na ordem em que as começou, as *Confissões* estão enumeradas como a sexta, depois de sua ordenação como bispo. Foi ordenado bispo entre os anos 395 e 397, sendo a data mais provável no fim da primavera ou começo do verão do ano 395. A obra enumerada imediatamente antes das *Confissões* é *Sobre a Doutrina Cristã*, da qual os dois primeiros livros e parte do terceiro foram escritos provavelmente no ano de 396 e

enviados a Simpliciano em algum momento do ano de 398, na ocasião de sua ordenação episcopal. Não se faz menção alguma da morte de Ambrósio ocorrida em 04 de abril do ano 397. De qualquer maneira, o ano de 397 se considera como o *terminus post quem* para a redação das *Confissões*. O *terminus ante quem* nos é proporcionado pelo *Contra o Maniqueu Fausto*, que é a obra que se enumera imediatamente depois das *Confissões* nas *Retratações*. O encontro com Fausto teve lugar, não depois do ano 401, e provavelmente antes, talvez no ano 397. Portanto, as *Confissões* devem ter sido escritas em algum tempo entre os anos 397 e 401, sendo a data mais provável os primeiros anos desse período.

2 A finalidade

Deve-se perguntar: em que ocasião se escreveram as *Confissões*? Sua finalidade original deve ter sido a de descrever a conversão de Agostinho do maniqueísmo ao cristianismo católico, tendo em conta as acusações donatistas de que ele seguia sendo um maniqueu disfarçado, uma acusação errônea que o pelagiano Juliano de Eclano reavivou uns trinta anos mais tarde, e que seguem mantendo ainda alguns críticos do século XX. Conforme outra teoria, Agostinho, nessa obra, faz referência às origens do monacato africano. Paulino de Nola solicitou a Alípio, amigo de Agostinho, uma breve história das origens do monacato africano. A humildade de Alípio é bem conhecida e, portanto, o pedido pode ter sido levado a Agostinho. Fragmentos dessa história podem ser encontrados em alguns parágrafos dos livros 6 e 8 das *Confissões*. O fato de a obra ter sido escrita pouco depois de *Ad Simplicianum* (396), nos oferece uma chave direta ao menos para compreender a razão que teve o próprio Agostinho para escrever as *Confissões*. Em *Ad Simplicianum*, Agostinho reconheceu plenamente, ao responder às questões colocadas por Simpliciano acerca da *Epístola aos Romanos* 9, o papel dominante da graça divina na salvação humana. Nas *Confissões*, utiliza episódios de sua própria vida para ilustrar essa postura teológica. Essa razão biográfica, na mesma medida que qualquer outra, proporciona a ocasião para a obra. Contudo, vários fatores puderam induzir Agostinho para escrever suas *Confissões*.

3 Divisão e temática

O tema unificador da obra tem sido também uma questão de profundas investigações e intensos debates, durante a maior parte do

século XX. Alguns estudiosos das *Confissões* sugerem a divisão da obra em duas partes: os livros 1 a 8, que tratam da pré-conversão e os livros 9 a 13, que tratam da pós-conversão. Contudo uma divisão mais adequada nos propõe três partes: os livros 1 a 9 expõem a vida passada de Agostinho; o livro 10 expõe a situação atual de Agostinho; os livros 11 a 13 são um comentário sobre o livro do *Gênesis* 1, 1-31. De saída, deve-se dizer que Agostinho nunca pretendeu escrever uma obra literária clássica. As *Confissões* podem, de fato, ter falta de unidade e, portanto, a procura da unidade pode ser uma procura inútil.

Não obstante, a presença de certos temas indica que as *Confissões* podem ser um conjunto unificado. E o relato acerca da viagem em direção à conversão, uma odisséia da alma. A queda e o retorno da alma a Deus, um tema que se encontra freqüentemente na literatura antiga, especialmente em Plotino e em Porfírio, e o relato do Evangelho segundo Lucas acerca do filho pródigo, domina a cena. A ascensão da alma para Deus é um tema principal e sempre presente nas obras de Agostinho. Outros têm considerado a busca e o descobrimento da verdade, um tema que combina com Cícero e com a Sagrada Escritura (*Mt* 7,7), como um fator unificador das *Confissões*. Outros também têm considerado o tratamento que Agostinho tem da memória no livro 11, capítulo 2 como contenedora de uma *memória* (lembrança) do passado, um *contuitus* (uma visão intensa) do presente e uma *expectatio* (expectativa) de acontecimentos futuros como correspondente com as três grandes divisões da obra (livros 1-9, 10, 11-13). Outros estudiosos têm buscado o princípio unificador da obra nos vários sentidos das *Confissões*: confissão do pecado, confissão como testemunho do estado atual, confissão de fé e de louvor. Ainda que cada significado da confissão esteja presente em todas as partes da obra, e um tom de fundo e um tom harmônico de cada significado se encontrem presentes, muitas vezes, sempre que se usa a palavra, contudo a confissão do pecado predomina nos nove primeiros livros; a confissão como testemunho, no livro 10, e a confissão de fé e de louvor nos livros 11-13. A consciência que Agostinho tinha dos diversos significados da *confessio* pode ver-se em várias passagens das *Enarrationes in Psalmos*. Finalmente, alguns têm considerado a tríplice concupiscência mencionada na carta de São João (*IJo* 2, 16) e sua expressão em termos neoplatônicos, *libido*, *superbia* e *curiositas* como uma idéia que proporciona o tema unificador da obra. Esses três vícios correspondem à divisão platônica tripartida da alma e se encontram em toda a obra. Cada um desses

propósitos lança alguma luz sobre a possível unidade temática existente nas *Confissões*. Talvez, Agostinho expresse o tema unificador no primeiríssimo parágrafo da obra, nas que são quem sabe as palavras mais famosas de todo o corpo: “Nos fizestes, Senhor, para ti, e nosso coração está inquieto até que descanse em ti”. Ao final da obra, Agostinho mesmo não alcançou o descanso, mas sua exegese sobre o Gênesis 1, 1-31 nos diz onde se acha esse descanso. Todavia, talvez não haja nenhum tema unificador das *Confissões*, mas diversos temas conectados entre si através de toda a obra.

4 A historicidade

A natureza precisa da obra tem sido igualmente matéria de debate. Nos dez primeiros livros, Agostinho apresenta determinados acontecimentos de sua vida. Não nos diz explicitamente qual tem sido o princípio para essa seleção, porém não nos oferece com clareza muitas informações autobiográficas relevantes que o leitor curioso desejaria conhecer. Com a mesma clareza se detém a meditar sobre temas que têm pouco interesse biográfico. Evidentemente Agostinho não nos proporciona uma autobiografia na acepção contemporânea deste termo. Seu interesse pelo autobiográfico se estende somente até ao ponto em que sua vida ilustre uma antropologia teológica ou uma teologia antropológica. A vida humana, escrevia Agostinho, é o produto de livres decisões guiadas pela graça de Deus para sua devida conclusão. Essa tese aparece novamente na obra *A Cidade de Deus*, onde se aplica a toda criação e tem sido denominada muitas vezes como uma filosofia ou teologia da história.

Diversos comentaristas têm posto em dúvida a historicidade de parte da obra, especialmente a conversão intelectual que se narra o livro 7 e a conversão moral que se refere no livro 8. Segundo as próprias afirmações e os princípios exegéticos de Agostinho, não se pode duvidar de sua veracidade. No início do livro 10, expressa sua intenção de dizer a “verdade” a que ele se refere nesse contexto. O começo do livro 10 afirma a historicidade da obra.

Em segundo lugar, Agostinho seleciona acontecimentos de sua vida e da vida de outros que ilustram muito bem suas próprias posturas filosóficas e teológicas. Tal seletividade não diz nada de contrário à historicidade. Na realidade, pode inclusive apoiá-la.

Em terceiro lugar, Agostinho nos diz, muitas vezes, em conformidade com a exegese paulina da Escritura, que um significado sim-

bólico, longe de excluir os fatos históricos, pode depender realmente deles. O exemplo paulino de Sara e Agar, de Isaque e Ismael (*Gl* 4, 22-24), como um exemplo simbólico dos Testamentos, indica essa harmonia entre o fato e o símbolo. Naturalmente, segundo as idéias de Agostinho, toda a realidade pode ser sacramental.

Em quarto lugar, Agostinho tem uma “forma literária” com a qual nos narra nas *Confissões* histórias de conversão. Agostinho não inventou a forma literária. Essa forma é, certamente, a base de boa parte da literatura antiga e da Sagrada Escritura. Mas Agostinho é o primeiro em aplicá-la à conversão. Tal forma literária não exclui a historicidade dos acontecimentos referidos. Indica como Agostinho interpreta outras conversões à luz da reflexão sobre a sua própria conversão. A deliberação acerca de sua própria conversão proporciona uma espécie de fórmula para apresentar outras. Certamente, sua narração dos acontecimentos se acha estilizada. Ainda que acentuasse a *res* e não o *verbum*, Agostinho era um destacado retórico.

5 O pecado e a graça

Mantendo a natureza de Agostinho como a de “uma pessoa ordinária”, as *Confissões* nos livros 1 e 2 descrevem a infância, a fase de menino e a incipiente adolescência de Agostinho. A obra se atém às idades do homem segundo o mundo antigo: *infantia*, *pueritia*, *adulescens*, *juventus*. Em ambos os livros, Agostinho está retratado como um pecador. Ele é o pródigo que anda caminhando longe de sua pátria. Os acontecimentos da infância são descritos, não de memória, mas sobretudo a partir da especulação sobre a natureza da infância e a infância em geral, tal como se observa nas outras crianças. O mesmo acontece com respeito a sua adolescência. O roubar peras é dificilmente um acontecimento que tivesse despertado o interesse de um autobiógrafo. Agostinho se acha mais interessado em uma teologia da graça, de base bíblica, do que em uma autobiografia. Por sua observação improvisada no capítulo 3 do livro 2 de que ele inventava histórias de façanhas sexuais para narrar a seus companheiros de jogo, porque naquele tempo não teria nenhuma proeza própria que contar, podemos conjecturar que Agostinho não era o grande pecador que ele descreve.

O retórico e teólogo africano estabelece um contraste contínuo entre a miséria humana (infelicidade) e a misericórdia divina (misericórdia). Somente o santo é que entende verdadeiramente o que é o pecado.

6 A conversão para a Filosofia

Agostinho, nas *Confissões*, narra como conversões aquilo que foi acontecimento central em sua vida. Por exemplo, o capítulo 4 do livro 3 é um caso. Nessa passagem Agostinho se refere à obra *Hortensius*, de Cícero, leitura que ele fez em seus primeiros anos de formação acadêmica, com a idade de 18 anos. Os comentaristas têm se surpreendido com a extraordinária reação de Agostinho, o jovem gênio, diante de uma obra de menor importância de um filósofo secundário. Mas a formação, no tempo de Agostinho, era realmente formação em Cícero. Além disso, o *Hortensius* proporciona uma *admonitio* no sentido técnico dessa palavra em Agostinho. A exortação de Cícero serviu de magnífica ocasião para a intervenção divina na vida de Agostinho. A influência da introdução de Cícero com a filosofia permaneceu em Agostinho, durante boa parte de sua vida. É a obra primordial utilizada em Cassiciaco para seus estudantes. Agostinho utilizava o livro que tanto havia influído nele, com a idade de 18 anos, como um documento com o qual podia ensinar a estudantes de semelhante idade, experiência e suposta capacidade. As obras de Agostinho são a fonte principal dos fragmentos e extratos do *Hortensius* e desempenham um papel importante em qualquer desejo de se reconstruir a obra. As categorias do pensamento de Cícero, especialmente a de que todos os homens buscam a felicidade (eudemonismo) e de que a filosofia é um caminho de vida na busca da verdade, permaneceram na mente de Agostinho, durante o resto de sua vida. O encontro com o *Hostensius* conduz Agostinho a ler a Sagrada Escritura, o mesmo pode-se dizer de seu encontro com os *libri Platonicorum*, conforme o livro 7 das *Confissões* o conduzem à leitura de São Paulo. Todavia, com a idade de 18 anos, Agostinho rechaçava a Sagrada Escritura pela razão de que seu estilo literário não estava de acordo com os cânones da retórica ciceroniana.

7 O maniqueísmo

Tal orgulho intelectual conduz Agostinho a cair no maniqueísmo, uma seita gnóstica fundada por Mani, que se considerava a si mesmo como profeta e talvez, inclusive, como o Espírito Santo em pessoa. Essa seita exercia grande influência nos círculos aristocráticos do século IV no norte da África. As razões de Agostinho para ingressar na seita, onde

permaneceu como um *auditor*, por um período de nove e onze anos, foram que essa seita pretendia oferecer uma explicação racional do mundo à margem da fé, e uma teoria determinista do mal. Nove anos mais tarde, Agostinho, permanecendo fiel a seus próprios princípios, rechaçou o maniqueísmo precisamente porque este não podia proporcionar as prometidas explicações racionais. No seu próprio tempo, e inclusive hoje em dia, Agostinho é acusado de maniqueísta disfarçado, primordialmente por uma ambígua afirmação do dualismo. Na realidade, havia maniqueus disfarçados dentro da Igreja Católica, mas Agostinho não era nenhum deles. Longe disso, ele refuta intencionalmente tais acusações, nas *Confissões* e em outras partes de sua obra.

O maniqueísmo apresenta a mitologia filosófica, a metodologia teológica e a pseudo-exegese bíblica, a cuja refutação Agostinho dedicará grande parte de sua vida literária, especialmente durante os quinze primeiros anos depois de sua conversão ao Cristianismo Católico. Até meados do século XX, Agostinho era considerado a única fonte para o conhecimento do maniqueísmo. Atualmente, fontes independentes confirmam que ele oferece uma descrição exata, porém incompleta, do pensamento desse movimento religioso. Era de se esperar tal descrição incompleta, porque a intenção de Agostinho ao escrever era a de refutar o Maniqueísmo, não a de descrevê-lo em seus detalhes teológicos.

8 A família

Durante o tempo passado em Cartago e logo, mais tarde, em Roma e em Milão, Agostinho viveu com uma mulher da Numídia, cujo nome não conhecemos. Ela deu-lhe um filho: seu querido Adeodato. Considerando que Agostinho e esta mulher eram de diferentes classes sociais, o direito romano não lhes permitia que casassem. Contudo, uma mulher em tal relação tinha direitos legais – era sua mulher segundo o direito consuetudinário. Ela, certamente, amava Agostinho e permaneceu fiel a ele. E, quando a obrigaram a deixá-lo, fez voto de não amar a nenhum outro homem. Numa visão retrospectiva, Agostinho adota uma postura crítica diante de suas intenções lascivas, durante o tempo dessa aliança. Porém, nem nas *Confissões* nem, em alguma outra parte, se sugere que essa atitude crítica posterior para tal relação estivesse determinada por uma ética sexual puritana.

9 O ceticismo

Depois de abandonar o maniqueísmo, Agostinho passou por um breve período de ceticismo. Apesar de ter conhecimento da obra *Acadêmica*, de Cícero, seu ceticismo não era acadêmico ou teórico, ao estilo do ceticismo de Descartes, mas depois de ter abraçado calorosamente o maniqueísmo, Agostinho sonhava com a hora de dar seu assentimento intelectual a qualquer doutrina. Tornou-se mais cauteloso. Todavia, o ceticismo desse período foi em parte o motivo incontestável que fez Agostinho escrever *Contra Academicos*. A refutação do ceticismo é um tema que reaparece constantemente nos escritos de Agostinho.

10 A influência de Ambrósio

Agostinho chegou a ser um mestre de reconhecida fama, primeiro em sua nativa Tagaste, depois em Cartago e logo em Roma. Deixou em Roma seu posto docente para dirigir-se a Milão, sob o manto do maniqueísmo, para assumir o cargo de retórico imperial. Ali se encontrou com Ambrósio, um encontro tão decisivo pessoalmente para Agostinho como decisivo foi historicamente para o cristianismo. O interesse profissional o levou a assistir aos sermões do Bispo Ambrósio, mas seu interesse por eles chegou finalmente a ultrapassar em muito os limites da retórica. Agostinho aprendeu de Ambrósio que o Catolicismo não sustentava as doutrinas que os maniqueus e outros lhe pregavam. Aprendeu concretamente a exegese alegórica, que Ambrósio havia aprendido, por sua vez, dos escritos de Orígenes, e a doutrina da liberdade, segundo a qual os homens mesmos, não um princípio tenebroso, são a origem do mal. Em Milão, Agostinho começou a participar de um grupo aberto de distintos milaneses, muitos dos quais eram intelectuais cristãos. O que Agostinho pretendia, segundo o mesmo confessa, era chegar a compreender os mistérios cristãos com a ajuda do neoplatonismo. Seu modelo foi Mário Victorino, um retórico com interesse pela filosofia, que até ao final de sua vida converteu-se ao cristianismo e que procedia dos círculos intelectuais influenciados por Porfírio. Há alguma opinião em sentido contrário. Os sermões precisos que Agostinho escutou dos lábios de Ambrósio não puderam ser identificados com probabilidade; mas o que é certo é a influência de Ambrósio em Agostinho, uma influência permanente, intensa, ainda que em boa parte não estudada.

11 A conversão ao neoplatonismo

Os livros 7 e 8 das *Confissões* são as duas partes mais estudadas da obra. Por mais estilizada que possa ser a divisão entre a conversão intelectual e a conversão moral, Agostinho se atém a ela: o livro 7 é sua conversão intelectual; o livro 8, sua conversão moral.

O livro 7 tem sido importante para os especialistas do século XX, porque nesse livro Agostinho trata do seu encontro decisivo com os platônicos. Agostinho entende que muitas doutrinas neoplatônicas estão em consonância com os ensinamentos cristãos. Porém, ele descreve as doutrinas que leu, tomadas de livros obtidos por meio de um neoplatônico milanês não cristão, citando passagens do prólogo do Evangelho de São João. O uso de semelhante recurso literário faz com que seja difícil averiguar com precisão quais são os tratados que ele pode ter lido. Em outro lugar, por exemplo no livro 2 de *Contra Academicos*, sabemos que esses livros foram poucos em número, mas grandes em inspiração. A maioria dos especialistas contemporâneos admitem que Agostinho leu Plotino e Porfírio. A divisão entre Plotino e Porfírio é possivelmente uma simplificação excessiva, porque Porfírio foi o editor e o comentarista de Plotino; as *Sententiae* de Plotino se publicaram talvez com uma cópia das *Enéadas*. Uma das obras de Porfírio, *De regressu animae*, que Agostinho leu provavelmente na época de sua conversão intelectual, a conhecemos unicamente através de Agostinho e, ainda, nesse caso, talvez somente por seu título descritivo. Uma breve lista das poucas obras de platônicos que Agostinho deve ter lido, incluiria seguramente as *Enéadas*, *Sobre a beleza*, *Sobre a virtude*, *Sobre a Providência*, *Sobre a Alma*, *Sobre as três hipóstases iniciais*, *Sobre o intelecto*, de Plotino, e a *Filosofia dos Oráculos* e *Sobre o regresso da alma*, de Porfírio.

Uma tese recente sustenta que Agostinho leu um pequeno livro que continha breves citações de Plotino e Porfírio. De qualquer modo, por sua leitura e comparação do neoplatonismo com a Sagrada Escritura, Agostinho começa a afirmar o que ele manteve durante toda a sua vida: unicamente o cristianismo satisfaz as aspirações dos antigos filósofos sobre a felicidade. O melhor que a sabedoria antiga pôde fazer era ver a finalidade da humanidade: a união com Deus. Os filósofos não viram qual era o meio para alcançar essa finalidade – Cristo é o único caminho pelo qual os homens alcançam a salvação. O neoplatonismo e o cristianismo, pretende Agostinho, ensinam doutrinas parecidas sobre vários pontos. Entre elas estaria uma explicação parcial

da Trindade; uma metafísica do ser e do não-ser; doutrina do mal como privação do bem, da divina providência e uma teoria epistemológica da iluminação. Todavia, o que Agostinho não encontrava era a encarnação de Cristo e a salvação por meio da encarnação. Como resultado direto da leitura desses livros, Agostinho teve várias experiências místicas.

12 A conversão moral

O livro 8 das *Confissões*, que trata a conversão moral de Agostinho, é o ponto culminante da obra. Quase todo o ciclo pintado através de toda a história da vida de Agostinho contém uma descrição da conversão no Jardim de Milão. A cena descreve Agostinho chorando debaixo de uma figueira. Ouve as palavras “tolle, lege; tolle lege”, e as recebe como uma admoestação divina, no sentido agostiniano técnico, para que tome em suas mãos a Escritura. Lê Romanos 13, 13: “Nada de comilanças e bebedeiras, nada de luxúria e libertinagem; nada de invejas e rivalidades. Pelo contrário, revesti-vos de Jesus Cristo, o Senhor, e não fomenteis vossos desordenados apetites”. Durante boa parte do século XX, se discutiu acerca da natureza dessa conversão. Foi uma conversão ao neoplatonismo? Foi uma conversão ao cristianismo? A natureza precisa da conversão de Agostinho foi discutida por A. von Harnack e G. Boissier (1888), P. Alfarié (1918) e C. Boyer (1921), entre outros. Ficou para Pierre Courcelle (1950) mostrar que a conversão foi a ambos. Na vida de Agostinho, teve lugar uma conversão, nesse momento. Disso não cabe a menor dúvida. Converteu-se para a vida do ócio cristão, tal como o viveria em Cassiciaco e logo em Tagaste. É indubitável que os platônicos cristãos milaneses influenciaram em sua idéia acerca do cristianismo e do cristianismo ideal. Desempenhou também um papel a vida do sábio antigo, tal como a descreveu Cícero e o neoplatonismo. A vida monástica, tal como ele chegou a conhecê-la, afetou também a sua conversão. Partindo dessas experiências, Agostinho desenvolveu a vida cristã comunitária, baseada na vida das primeiras comunidades cristãs, segundo aparece nos Atos dos Apóstolos e na vida das comunidades filosóficas, conforme se descreve no *Hortensius*.

Até aos nossos dias têm havido fortes controvérsias acerca da historicidade da descrição que Agostinho faz da sua conversão. Existem algumas discrepâncias entre esta narração e outras narrações que faz Agostinho acerca de sua conversão, porém os princípios discutidos a

propósito da historicidade geral da obra se aplicam igualmente à cena do jardim em Milão. Não temos razão suficiente para duvidar da historicidade da cena.

13 A mística

No livro 9 das *Confissões*, Agostinho descreve o período transcorrido desde o momento em que seguiu imediatamente a sua conversão até à morte de sua mãe, no final do ano 387. O ponto culminante deste livro é a visão em Óstia. O batismo de Agostinho recebe pouca atenção. Alguns têm sugerido que, para um homem do século IV, os atos de culto deviam ser praticados muito mais que descritos. Ao contrário, a visão de Agostinho e de Mônica, sua mãe, se descreve com grande detalhe. Se a natureza dessa visão, em Óstia e das visões em Milão, no livro 7 das *Confissões*, é mística ou não, é um tema que tem suscitado intensa controvérsia. Alguns entendem que Agostinho tem em Milão sua primeira prova da existência de Deus, e que somente a visão em Óstia é verdadeiramente mística. Outros pensam que Agostinho expõe uma fenomenologia da experiência mística. A maioria dos estudiosos tem a opinião de que Agostinho nos deu uma descrição de sua própria experiência mística, sobre cuja natureza exata ainda se discute.

Detalhadas análises filosóficas de passagens relativas à visão das *Confissões* e em outras obras de Agostinho indicam que, segundo as próprias categorias agostinianas, a visão de Milão e a visão de Óstia são genuinamente místicas. Agostinho teve breve e diretas intuições do divino. Porém, ele se sentiu desiludido e aspirava a uma visão permanente de Deus nesta vida. Até aproximadamente o ano 393, ele pensou que os homens podiam alcançar – com a ajuda de Deus – uma prolongada visão nesta vida. Por causa de uma leitura atenta da carta de São Paulo aos Gálatas, Agostinho havia abandonado tal projeto, no tempo das *Confissões*. Muitas de suas primeiras obras em Cassicó, Roma e Tagaste, se entendem como purificações intelectuais (*exercitationes animae*) preparatórias para a ascensão da mente a Deus. As primeiras obras sobre a alma são propósitos de voltar-se em direção ao interior para descobrir o que são na realidade os seres humanos. O termo *mystice* é usado raras vezes por Agostinho e nunca no sentido em que o empregam os místicos espanhóis do século XVI, apesar de que Agostinho teve com muitíssima segurança uma visão intuitiva da natureza de Deus.

14 O si-mesmo

Ainda que o livro 10 das *Confissões* proporcione uma transição literária dos nove primeiros livros aos três últimos, contudo tem sentido em si mesmo. Agostinho dá testemunho, ou melhor, confessa o estado atual de sua mente. Se as *Confissões* em sua totalidade podem descrever-se como uma ascensão da mente a Deus, então o livro 10 é um microcosmo de toda a obra. Depois de uma breve introdução, Agostinho ascende desde a criação material até o “si-mesmo”. Distingue o “si-mesmo” do homem, mediante uma análise da memória em sua busca da felicidade. Descreve logo sua vida e suas tentações como bispo, mediante o uso da tríplice concupiscência descrita anteriormente. Como se expõe, em outras obras, por exemplo, em *De vera religione*, o mal pode servir como uma *admonitio* na ascensão a Deus. O livro termina com uma soteriologia de Cristo como verdadeiro mediador entre os homens e Deus. Estas páginas contém o famoso poema: “Tarde te amei, Beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei!”

15 A ascensão a Deus

Os livros 11, 12 e 13 das *Confissões* são uma exegese alegórica de Gênesis 1, 1-31. Esses três livros representam talvez o auge da ascensão a Deus, porquanto os homens podem conhecer a Deus nesta vida. As ascensões dos livros 7 e 9 das *Confissões* terminavam em uma visão passageira e parcial. Mas o conhecimento de Deus aqui na terra é *per speculum et in aenigmate, no facie ad faciem* (por espelho e enigma e não face a face). Estes três últimos livros contém tratados acerca do tempo (uma distensão da alma), a criação, a Trindade, os diversos significados e interpretações de textos bíblicos e o amor como o peso da alma pelo qual a alma encontra seu lugar no universo. Agostinho chega a poucas conclusões, mas discute temas fundamentais da experiência vivida pelos homens de todos os tempos. Ao tratar do tempo, Agostinho chama-nos a atenção para a impossibilidade de o medirmos. Pois o passado já não existe, o futuro ainda não existe, só o que existe é o momento presente que estamos vivendo.

A atualidade das *Confissões* de Agostinho está no fato de que ele, ao falar da alma, refere-se à alma biológica, à alma que existe no tempo, à alma real. E isso é uma idéia que foi aos poucos assimilada pela modernidade e clara e básica na contemporaneidade. Hoje, sabemos

que aquele que não tem consciência de si, de sua posição existencial real, também não terá uma visão real do mundo objetivo.

Agostinho descobre que a estrutura de sua alma é a estrutura de uma história, de um drama de autoconstituição no tempo, por isso nada mais natural que ele olhasse o mundo inteiro sob a categoria do tempo e da história. Isso não era novo, era a visão do judaísmo. É o drama do diálogo entre um povo e seu Deus. Deus ordena fazer determinadas coisas e o povo não faz, daí o drama, o erro. Agostinho entende que o mesmo acontece com cada alma, com cada indivíduo e com a história não só de um povo, mas da humanidade. Agostinho fala de uma história parcial que tem um simbolismo universal. Esse simbolismo tem um conteúdo que é a da perene disputa entre os fatores de ordem espiritual, os fatores interiores da constituição humana e a constituição externa da sociedade. Portanto, a tensão entre indivíduo e sociedade, ainda bastante problemática, nos dias de hoje, já era contemplada na obra desse grande mestre do Ocidente, que recolheu a herança da Antigüidade, foi o mais citado pelos autores medievais, ocupou o centro dos debates na época da Reforma, e nos séculos XX e XXI destaca-se como um dos autores mais pesquisados entre os teólogos.

Referências

- AGUSTÍN, San. Las Confesiones. In: *Obras completas de San Agustín*. Traducción, introducción y notas de Angel Custodio Veja. 3. ed. bilingüe. Madrid: La Editorial Católica/BAC, 1995. v. 2, 731p.
- BOYER, Charles. *Essais anciens et nouveaux sur la doctrine de Saint Augustin*. Milano: Marzorati Editore, 1970. 359p.
- _____. *L'idée de vérité dans la philosophie de Saint Augustin*. Paris: Beauchesne et Ses Fils, 1941. 310p.
- BROWN, Peter. *La vie de saint Augustin*. Traduction de Jeanne Henri Marrou. Paris: Éditions du Seuil, 1971. 537p.
- COSTA, Marcos Roberto Nunes. *Santo Agostinho; um gênio intelectual a serviço da fé*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, 216p.
- COURCELLE, Pierre. *Recherches sur les Confessions de saint Augustin*. Paris: E. de Boccard, Editeur, 1950. 299p.
- TRAPÉ, Agostino. Libertà e grazia nella storia della salvezza. *Atti della Settimana Agostiniana Pavese*, Pavia, n. 4, p. 43-57, abr. 1972.
- VANNINI, Marco. *Invito al pensiero di Sant'Agostino*. Milano: Mursia Editore, 1989. 200p.